

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Entre “o que foi” e “o que poderia ter sido”: morte e memória na literatura amadiana

André Luiz Rosa Ribeiro*

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as representações da morte na obra de Jorge Amado em sua temática sobre a região do cacau na Bahia.

Resumé: Cet article a pour objectif de mettre en évidence les représentations de la mort dans l'oeuvre de Jorge Amado tout en détachant la thématique du cacao dans Bahia.

O presente artigo tem como objetivo discutir as representações da morte na literatura de Jorge Amado sobre o tema do cacau. A ficção ambientada na região produtora de cacau do nordeste brasileiro é um importante índice para a compreensão do processo de elaboração de identidade para o sul-baiano nas primeiras décadas do século passado e aponta para o esforço dos literatos na construção de uma unidade cultural onde as representações da morte desempenham um importante papel.

As representações presentes na literatura de Jorge Amado não são meros reflexos do acontecido ou, por outro lado, estão em oposição ao mesmo, contrapondo o imaginário às práticas sociais. A narrativa amadiana captou aspectos do vivido e, apesar de não ter compromisso com o que de fato teria ocorrido, não prescindiu deste. As obras ambientadas na fase do desbravamento das matas do sul da Bahia tornaram-se parte constitutiva da memória construída em torno da chamada “civilização cacaueira” e de uma identidade a partir da noção de grapiunidade.¹ O autor retrata a saga dos pioneiros do plantio do cacau, construtores de uma civilização forjada no processo da ocupação violenta da terra, em que o fenômeno da

* Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz –UESC / Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

¹ A expressão “grapiúna”, difundida principalmente por Amado, deriva das palavras de origem tupi “gra” = asa, “uma” = preta e “i” = água. Literalmente: ave negra que vive à beira dos rios. A expressão passou a designar os moradores do sul da Bahia.

morte permeia as tramas e os destinos das suas principais personagens, dando às mesmas características sociais e culturais que visam identificar o homem grapiúna.

No processo de elaboração do enredo das experiências individuais e coletivas da sociedade cacaueira a trama da relação linguagem / pensamento / mundo produz o efeito de realidade, a ilusão referencial. Na medida em que se apresenta como representação do passado, a narrativa literária constrói uma versão selecionando experiências sociais como base para a memória coletiva. A noção de cultura regional, como produto de enunciados sob diferentes experiências e práticas sociais, forma um território simbólico diferenciado de outras construções identitárias mediante a sua ampla circulação social. O discurso literário buscou definir culturalmente um espaço geográfico com costumes e tipos sociais que lhes são próprios, configurando uma memória que articula ficção e contexto histórico.

É necessário analisar o conteúdo literário com atenção para a lógica social do texto e levando em consideração as contingências que cercam a produção. Para utilizar-se a ficção como fonte, é necessário empreender a análise do escritor enquanto sujeito histórico, verificando as suas origens sociais, posições políticas ou literárias para melhor compreender o teor dos discursos (CHALHOUB & PEREIRA, 1998). O autor recria o passado a partir das suas próprias experiências e forja o real em um discurso que une a dinâmica histórica a uma ordem de imagens. A literatura amadiana, em termos simbólicos, instaura uma ordem de sentidos fundadores, pois criam uma tradição em um processo de ressignificação do passado.

O passado ficcional elaborado pelo autor coloca-se como uma versão plausível, possibilitando ao seu leitor formar referências sobre o vivido em determinada sociedade ou período histórico. A condição de referência dada ao texto ficcional dá ao seu autor a legitimidade de formador de memória: “o que poderia ter sido” passa a ter a força referencial “do que foi” (COSTA LIMA, 1991). O mundo criado nas obras literárias guarda, dessa forma, verossimilhança com “o que foi”, não raro recorrendo a fatos e personagens reais na composição do enredo, como é o caso de Jorge Amado.

Mesmo não havendo a preocupação de ser fiel ao “que foi”, característica da história, a narrativa literária termina por fazer circular discursos e forjar memória. Tanto a história quanto a ficção dão conta de determinados comportamentos e formas de pensar, utilizando ambos os discurso estratégias de convencimento. Vale lembrar aqui que, a

construção de sentido presente na escrita também passa pelo leitor, mediante a interpretação do texto e o grau de significação que será dado à obra literária. A produção ficcional é, portanto, uma fonte fundamental no trato com o passado devido à sua condição de veículo privilegiado de discursos que validam simbolicamente versões da realidade expressas nas falas das personagens (LEENHARDT & PESAVENTO, 1998).

Amado ganhou projeção no cenário literário nacional pela sua atuação no movimento regionalista de 30 e no modernismo brasileiro com o chamado “ciclo do cacau” inaugurado com *Cacau* (1933), o seu segundo romance; seguido por *Terras do Sem Fim* (1943), narrativa sobre a saga da conquista da terra e a origem social dos coronéis do cacau; *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) que abordam as mudanças no contexto social e econômico da região cacaueira na passagem do poder dos produtores nacionais para os exportadores, representantes do capital externo. De qualquer forma, todos eles estão impregnados de memória, formando um conjunto de depoimentos ficcionais que representam as diferentes fases históricas por que passou a região produtora de cacau do nordeste brasileiro e as respectivas transformações em termos de comportamento e costumes (ARAÚJO, 2003).

A dimensão da circulação social da obra de Amado fez com que o seu conteúdo influenciasse decisivamente o olhar sobre a sociedade sul-baiana na contemporaneidade. A construção de uma identidade para a região baseou-se na existência de aspectos próprios: o coronel *self-made man*, a diversidade étnica, além de elementos naturais característicos da região como a mata atlântica, transformada em personagem no enredo amadiano.² Amado vai interpretar uma espacialidade culturalmente definida, em que se estabeleceu uma sociedade recentemente enriquecida pelo comércio do cacau e que sofre um fluxo contínuo de transformações econômicas que rompem com o passado precedente. Passado esse ligado às famílias proprietárias mais tradicionais, donas de sesmarias plantadas de árvores de cacau pelo braço escravo.

A literatura de Amado tem, nesse inventar de memória, um peso na socialização dos sujeitos, oferecendo-lhes uma base simbólica para elaborarem coesões culturais. A ficção contribuiu fortemente na criação de uma outra identidade para a região do cacau. Amado elaborou, aliado a outros autores como Adonias Filho, um discurso fundante privilegiando

² ver *Terras do Sem Fim*, principalmente o capítulo “a mata”.

uma elite econômica recente sem maiores vínculos com as famílias mais tradicionais da Bahia. A luta pela posse da terra, a saga grapiúna, fez da morte um elemento referencial para a compreensão do surgimento da “civilização do cacau”. O homem grapiúna, descrito na literatura estudada, possui uma especificidade. Diferentemente de outras áreas brasileiras no século XIX, a riqueza regional teria sido erguida pelo trabalho livre de homens humildes que desbravaram a mata atlântica, aniquilaram inimigos e índios, transformando-se em grandes proprietários de roças de cacau.

O pioneiro plantador de cacau inauguraria uma nova era enquanto portador de uma dinâmica que submete o espaço-tempo original, o da mata intocada, por uma nova paisagem composta por plantações, estradas e cidades. O coronel fictício representa a mudança do desbravador em grande proprietário, senhor de terras e homens, que legitima o seu poder pela conquista da natureza, espaço fundante dominado pelas árvores do fruto de ouro. A morte como um dos mais fortes elementos da memória regional se dá pela aceitação das práticas violentas por parte de uma coletividade que estabeleceria suas origens nas bocas dos rifles. O jagunço é um dos tipos amadianos mais expressivos. A sua ação enquanto agente da morte tem, inicialmente, uma ampla utilização, sendo sua atividade legitimada pelo costume. A atividade de assassino não se opõe a ordem social naquele período histórico do desbravamento. As tocaias, apesar de moralmente reprováveis, estão no âmbito da normalidade em uma região onde imperam os interesses privados e o poder consolida-se na posse violenta da terra. Amado compôs a saga de pequenos proprietários, trabalhadores miseráveis, jagunços sanguinários e poderosos coronéis que mataram e morreram na disputa violenta dos pedaços de mata.

Literatura e história se mesclam produzindo imagens que passam a fixar um perfil regional. Em seus livros de ficção e os de perfil biográfico, Amado deixa transparecer uma clara relação entre a narrativa literária e as suas experiências de vida, aproximando a ficção do referente histórico. É possível perceber inúmeras referências à episódios e pessoas que marcaram a memória do autor em sua infância e adolescência no sul-baiano. As personagens, quando transformadas em referências sobre o passado regional, libertam-se da sua origem ficcional para adquirirem legitimidade enquanto figuras históricas. Os nomes de pessoas reais dados às personagens (Sinhô e Juca Badaró), unidos a nomes fictícios que remetem à indivíduos reais (Manoel Misael Teles, Horácio da Silveira ou Ramiro Bastos), conferem uma suposta validade histórica à literatura em uma analogia das personagens com sujeitos

históricos. Ao ligar ficção e realidade, a literatura forneceu elementos importantes para a criação de um sentimento de pertença para os habitantes do sul-baiano, concedendo a um passado recente o caráter de período fundante de uma civilização: o passado heróico das lutas sangrentas pela posse de terras para o plantio do cacau.

A luta pela terra na região cacaueira é narrada enquanto um processo implementado por migrantes pobres do norte da Bahia e de outras áreas do nordeste brasileiro, principalmente sergipanos, muitos dos quais transformar-se-iam em influentes coronéis da guarda nacional. Amado, tanto quanto Adonias, pertencia a essa camada privilegiada da sociedade regional: filhos de “pioneiros” enriquecidos, a “segunda geração” do cacau. Amado redesenhou a geografia humana e cultural do sul-baiano ao relatar a saga dos pioneiros que “no rastro do cacau dando dinheiro, chegavam(...) Centenas e centenas de nacionais e estrangeiros oriundos de toda parte(...) Chegavam e em pouco eram verdadeiros grapiúnas (AMADO, GCC: 56). Os primeiros romances de Amado expressam o projeto social do autor, o desejo de reinterpretação da história regional privilegiando aspectos históricos que legitimassem a verossimilhança com os seus textos. Como referido, as suas lembranças da infância e adolescência estão na base de tudo o que criou e recriou. A própria memória da família Amado está largamente inserida nesse processo de criação, intervindo diretamente na imagem que o autor elaborou para a região cacaueira. “Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, na época das grandes lutas” (AMADO, MG: 12).

Nas fazendas do seu pai, Amado conviveu por quase toda a juventude em um ambiente rural onde as tocaias não eram raras, inclusive contra a vida paterna. Ali, entre pés de cacau e cruzeiros sem nome, o menino Jorge cresceu ouvindo histórias que viriam influenciar decisivamente o seu imaginário do autor que anos mais tarde iria narrar “as histórias dessa terra”. Tendo suas lembranças como ponto de partida, Amado se coloca no papel de testemunha das violentas lutas e do sangue derramado nas terras onde seriam plantadas árvores de cacau. As páginas dos seus livros relacionam os costumes e as atitudes familiares do autor com a concepção ficcional dos trabalhadores e coronéis. A região foi interpretada como um espaço conquistado pelos pioneiros, entre os quais estava João Amado de Farias, pai do autor, que ainda muito jovem partira de Sergipe para a aventura do desbravamento, “para implantar, com tantos outros participantes da saga desmedida, a civilização do cacau, forjar a nação grapiúna” (AMADO, 1992: 15).

As suas personagens resultaram de um conjunto de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte da sua experiência vital. Como afirma o autor, muitos dos seus coronéis são inspirados no tio Álvaro Amado, ao qual nutria um pronunciado sentimento de afetividade (AMADO, 1992: 72). Muitas das estórias eram ouvidas da boca da própria mãe, d. Lalú leal Amado, “sem que se soubesse verdadeiramente quando a imaginação tomava as rédeas da realidade” (AMADO, 1992: 15). Essas lembranças auditivas serão um pano de fundo para a idealização do mundo grapiúna e dos valores que o cercam. Lembranças de um ambiente marcado pela oralidade, de acontecimentos transmitidos pelos parentes e amigos. Não raro seus livros abordam o cotidiano “das figuras tutelares”, heróis da infância como o compadre Brás, “a mais fascinante figura(...), impossível encontrar-se na região do cacau valentia e desassombro iguais”, ou mesmo João Amado quando vítima de vil tocaia, “a égua tombando morta, meu pai lavado em sangue, erguendo-me do chão” (AMADO, 1992: 5 e 40).

O ambiente vivido na infância produziu, em Amado, uma rede de significações que permeia a sua obra, tornada comum a toda região produtora de cacau dos inícios do século passado. O intenso convívio com a família, amigos e trabalhadores rurais, forjou no menino Jorge uma visão particular do sul da Bahia. No ambiente familiar o “menino grapiúna” foi construindo a sua visão de mundo sobre aquelas terras fartas de mortes. “Entre o Pontal (bairro da cidade de Ilhéus) e Pirangi (atual cidade de Itajuípe), antevi o amor e tratei com a morte, de nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços” (AMADO, 1992: 50). Nas páginas de *O Menino Grapiúna*, onde pequenas lembranças revestem-se de literatura, estão delineados os temas da sociedade regional e um certo orgulho das origens sociais da sua família. O pai é o herói que avança sobre a mata sem mesmo temer as tocaias traiçoeiras. A sua mãe, qual algumas personagens como Don’Ana Badaró de *Terras do Sem Fim*, era um exemplo da fibra da mulher grapiúna. Destemida e valente, d. Lalú chegava a dormir com a repetição sobre o travesseiro para a pronta defesa do lar contra ataques noturnos.

O jagunço Honório, o gigante negro temido em toda a zona de Ferradas, é uma das personagens mais marcantes do imaginário amadiano. Apesar do ofício de assassino, Honório é retratado como um revolucionário social embrionário que, dentro das expectativas marxistas do romance *Cacau*, pensava em um dia matar todos os coronéis e libertar a classe dos trabalhadores rurais do jugo em que viviam oprimidos. Honório tinha a morte como única

ocupação nas fazendas do coronel Misael. A fama da sua pontaria o destacava dos demais trabalhadores. “Herói da tocaia e do cangaço(...) Filho da terra, nascera nos bons tempos das fortunas rápidas e dos assassinatos por qualquer coisa. Aos doze anos Honório já matara gente, quantos não sabia”. Muitas das cruzes sem nome que eram fincadas às margens das estradas do cacau eram fruto das tocaias que participara. “Pela noite sem lua o viajante vem do povoado. A goiabeira solitária no caminho esconde o homem e a repetição. É um tiro só(...) No outro dia o corpo é encontrado e enterrado ali mesmo” (AMADO, 1976: 187).

Nas terras do sem fim a tradição domando advém do enfrentamento direto com a morte. O sangue derramado concedia prestígio e garantia a lealdade entre os homens do cacau. Os desbravadores, uma vez transformados em coronéis, entendem o exercício do poder como intimamente ligado à posse da terra, adubada com o sangue dos que tombaram na luta pelas roças de cacau. Forjou-se uma civilização onde os valores eram pautados na posse de grandes safras recorrentemente alcançadas pela morte de adversários e pequenos posseiros. Nesse âmbito social, a valentia pessoal era crucial para a sobrevivência nas terras do cacau e reconhecida como um dos valores mais considerados entre os grapiúnas. “O coronel gordo espantava o caxeiro-viajante narrando um barulho que tivera numa pensão de mulheres na Bahia (Salvador). (...) Bastou gritar: vem com coragem que eu sou é de Ilhéus para que os malandros recuassem acovardados” (AMADO, 2001: 23).

No tempo da conquista a morte violenta era um fenômeno cotidiano dos municípios cacaueiros. Cacau e morte eram praticamente os únicos assuntos comentados pela população nas cidades e nas fazendas. Os de fora assombravam-se com a ferocidade da região, “tou com mais de cinquenta anos nos costados, já andei muita terra, já vi muita desgraça. Mas não tem nada no mundo que chegue perto das desgraças daqui” (AMADO, 2001: 34). O coronel do cacau é um tipo associado à violência, que lhe é inata, e cuja execução fica a cargo dos trabalhadores humildes do sertão transformados em jagunços. Pelo êxito nas tocaias e invasões de terras alheias os jagunços recebiam somas muito acima das pagas aos trabalhadores comuns. O negro Fagundes nutria a esperança de amealhar algum capital com os conflitos que se anunciavam com a proximidade das eleições, “se os falados barulhos não comesçassem, seria difícil, muito difícil, chegar a comprar um pedaço de terra, mesmo ruim” (AMADO, 1969: 327).

Terras, cacau e morte são elementos constituintes da sociedade ficcional sul-baiana. A conquista da mata atemporalizada inicia o processo de introdução no espaço regional do elemento humano civilizador, construtor de uma sociedade cuja formação cultural e identitária está intrinsecamente ligada à questão das lutas sangrentas, repertório preñado de memória, testemunho literário de uma fase altamente representativa para a história regional: o tempo heróico da terra adubada de sangue.

Referências Bibliográficas

- AMADO, J. *Cacau*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
_____. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo: Martins, 1969.
_____. *O Menino Grapiúna*. São Paulo: Martins, 1992.
_____. *Terras do Sem Fim*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
ARAÚJO, J. de S. *Dionísio & Cia. na moqueca de dendê*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
CHALHOUB, S. & PEREIRA, L. (Orgs.). *A história contada: capítulos da história social da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
COSTA LIMA, L. *Pensando nos trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
LEENHARDT, J. & PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas-SP: UNICAMP, 1998.